

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)


Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-457-3

DOI 10.22533/at.ed.573200710

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas relacionadas aos direitos humanos, democracia, cidadania, racismo, migrações e territórios.

Dialéticas Marxistas dão base para análises da prática profissional do serviço social, violação dos direitos humanos como meio de compreensão do fenômeno da pobreza (e os desafios do exercício da cidadania por pessoas em situação de rua) e práticas educativas apoiadas nos direitos humanos para a convivência com a diversidade no ambiente escolar. Colaboram, também, com as análises voltadas a um projeto educacional aplicado como ferramenta para que crianças se assimilem aos lugares de resistência ancestral de forma positiva; e sobre a relação da juventude com a alienação política. Precedendo a observação sobre como a formação continuada docente colabora com a promoção de mudanças metodológicas no ensino e, por consequência, nas mudanças de aprendizado.

Na sequência, relações de poder de ideologia patriarcal e as lutas das mulheres abrem espaço para os debates feministas e os papéis de esteio feminino nas sociedades – desde debates revolucionários à temáticas de saúde pública e autocuidado.

Performance e psicologia analítica são abordados na construção do personagem fictício e aplicados em projetos de combate à violência contra a mulher.

Reflexões de caráter antropológico e a contextualização da origem da imprensa alternativa homossexual são apresentados para o entendimento sobre a percepção de sujeitos gays negros frente à sociedade.

Além da compreensão de uma perpetuação de um estereótipo embranquecido – pano de fundo para o marketing de empreendimento imobiliário na formação do imaginário social na cidade de São Paulo.

Os capítulos finais abordam o estigma social, preconceito e desvalorização humana de profissões relacionadas à coleta de lixo; além do recorte local de um processo migratório global causador do aumento da população vulnerável em todo o planeta.

Na esteira das relações migratórias de fronteira, apresentamos como as representações sociais de identidades culturais podem reforçar, de maneira positiva, identificações entre nações.

Trata-se ainda, sobre o multiculturalismo e peculiaridades do campo; sob análises do processo histórico no qual o conceito de propriedade se cunhou; territórios e resistências na construção de comunidades e sobre a luta e libertação do colonialismo.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SERVIÇO SOCIAL E TEORIA MARXIANA: HISTÓRIA, SUPERAÇÕES E CONTINUIDADES Nathália Pereira Prado Solange Fernandes DOI 10.22533/at.ed.5732007101	
CAPÍTULO 2	16
A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS E OS PROCESSOS DE VIOLAÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA Gustavo Júnior Andrade dos Reis Robert Henrique Sousa Dantas Paulo Sérgio Araújo DOI 10.22533/at.ed.5732007102	
CAPÍTULO 3	25
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL ALDENIRA NUNES NO MUNICÍPIO DE FLORIANO-PI Sandra Muniz Vieira DOI 10.22533/at.ed.5732007103	
CAPÍTULO 4	38
REVERBERANDO O LUGAR DA PEQUENA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ATRAVÉS DO PROJETO: AFRICANIDADES E BRASILIDADES Marivania Xavier Cavalcanti Costa DOI 10.22533/at.ed.5732007104	
CAPÍTULO 5	49
PROTAGONISMO JUVENIL OU ALIENAÇÃO: DILEMAS DO COTIDIANO E INTERAÇÕES NO CAMPO POLÍTICO José Silon Ferreira Aloisio Ruscheinsky DOI 10.22533/at.ed.5732007105	
CAPÍTULO 6	62
ESTUDO SOCIOINTERACIONAL DO DISCURSO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DF EM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA Vera Lúcia Godinho Carneiro DOI 10.22533/at.ed.5732007106	
CAPÍTULO 7	73
APONTAMENTOS SOBRE PATRIARCADO, MOVIMENTOS FEMINISTAS E DIREITOS DAS MULHERES CUBANAS PÓS-REVOLUÇÃO Rita de Cassia Krieger Gattiboni Rosângela Angelin DOI 10.22533/at.ed.5732007107	

CAPÍTULO 8	85
SAÚDE E SABERES DAS MULHERES EM CONTEXTO RIBEIRINHO	
Priscila Freire Rodrigues	
Lígia Costa de Sousa Nogueira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.5732007108	
CAPÍTULO 9	101
NÓS - TEATRO DAS OPRIMIDAS E A (DES) NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES	
Michelle dos Santos Lomba	
DOI 10.22533/at.ed.5732007109	
CAPÍTULO 10	116
O MUNDO ÍNTIMO DOS ARTISTAS: SANIDADE OU LOUCURA SOB O VIÉS JINGUIANO	
Andréa Hamminni Pires da Silva Avila Franquetto	
Carla Barcelos Nogueira Soares	
João Carlos de Aquino Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.57320071010	
CAPÍTULO 11	128
QUESTÕES DE (DES)GOSTO: NOTAS REFLEXIVAS SOBRE MASCULINIDADE, NEGRITUDE, HOMOSSEXUALIDADE E AFETO	
Vinicius Luis Pires Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.57320071011	
CAPÍTULO 12	140
A EUGENIA NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE OS ANOS DE 1988-1990 ATRAVÉS DO JORNAL “FOLHA DE SÃO PAULO”	
Bolají Alves Matos de Paula Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.57320071012	
CAPÍTULO 13	151
O CANTO DAS SEREIAS: IMAGENS DO HABITAR NA CIDADE DE SÃO PAULO SOB O CAPITALISMO FINANCEIRO	
Maria Fernanda Andrade Saiani Vegro	
Fábio Lopes de Souza Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071013	
CAPÍTULO 14	167
O GARI E O CATADOR COMO TRABALHADORES <i>OUTSIDERS</i> E A ESTIGMA SOCIAL	
Kayo Henrique Duarte Gameleira	
Thallys Emanoell Pimenta de Freitas	
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.57320071014	

CAPÍTULO 15.....	180
REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO MIGRATÓRIO DOS VENEZUELANOS PARA O BRASIL	
Lucelaine dos Santos Weiss Wandscheer	
Flávia Candido da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.57320071015	
CAPÍTULO 16.....	194
A REAFIRMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA AMIZADE URUGUAIO-BRASILEIRA NO TELEJORNALISMO E NO IMAGINÁRIO FRONTEIRIÇO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.57320071016	
CAPÍTULO 17.....	208
IMPLICÂNCIAS E SILÊNCIOS DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO LINGUAJAR CAMPEIRO: APONTAMENTOS PRELIMINARES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.57320071017	
CAPÍTULO 18.....	226
A PROPRIEDADE DA TERRA ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	
Lorenzo Giovanni Gava	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.57320071018	
CAPÍTULO 19.....	234
GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E QUILOMBOS: OS DESAFIOS NO DEBATE DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS	
Maria Pricila Miranda dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071019	
CAPÍTULO 20.....	244
PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA ÁFRICA LUSÓFONA: AMÍLCAR CABRAL E O MOVIMENTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE	
Cam-naté Augusto Bissindé	
DOI 10.22533/at.ed.57320071020	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	260
ÍNDICE REMISSIVO.....	261

CAPÍTULO 14

O GARI E O CATADOR COMO TRABALHADORES *OUTSIDERS* E A ESTIGMA SOCIAL

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Kayo Henrique Duarte Gameleira

UERN

Faculdade Católica do Rio Grande do Norte,
PPGCISH-UERN,
Mossoró-RN

<http://lattes.cnpq.br/8446307096758889>

Thallys Emanoell Pimenta de Freitas

UERN

UNP

PPGCISH

Mossoró-RN

<http://lattes.cnpq.br/7385039469373247>

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

UERN

PPGCISH-UERN,

Mossoró-RN

<http://lattes.cnpq.br/4878147595860938>

RESUMO: O presente artigo faz uma abordagem acerca do trabalho dos garis e catadores de lixo, sujeitos que exercem diariamente suas atribuições com manuseio de lixo e objetos coletados destes. As reflexões partem dos depoimentos destes trabalhadores extraídos a partir de estudos etnográficos realizados com garis da Universidade de São Paulo, da cidade de Governador Valadares-MG e os catadores de lixo reciclável da cidade de Campina Grande-PB, bem como, dos relatos contidos no documentário Lixo Extraordinário, de Vik Muniz, onde buscaremos

demonstrar como atitudes corriqueiras praticadas por outros trabalhadores colocam os garis e catadores em situação de inferioridade social, preconceitos e desvalorização humana. Essa realidade será analisada e compreendida à luz das ideias de autores tais como Norberto Elias e John L. Scotson dentre outros. Assim, buscaremos demonstrar a caracterização destes trabalhadores como *outsiders* e a questão da estigmatização social que se encontra impregnada a estes.

PALAVRAS-CHAVE: Garis. Catadores. Estabelecidos. *Outsiders*. Estigma.

THE GARI AND THE COLLECTOR AS WORKERS *OUTSIDERS* AND THE SOCIAL STIGMA

ABSTRACT: The present article approaches the work of garbage collectors and garbage collectors, subjects who daily perform their duties with handling garbage and objects collected from them. The reflections start from the testimonies of these workers extracted from ethnographic studies carried out with street sweepers from the University of São Paulo, from the city of Governador Valadares-MG and the recyclable garbage collectors from the city of Campina Grande-PB, as well as from the reports contained in the documentary Lixo Extraordinário, by Vik Muniz, where we will try to demonstrate how common attitudes practiced by other workers put the street sweepers and waste pickers in a situation of social inferiority, prejudice and human devaluation. This reality will be analyzed and understood in the light of the ideas of authors such as Norberto Elias and John L. Scotson,

among others. Thus, we will seek to demonstrate the characterization of these workers as outsiders and the issue of social stigmatization that is impregnated with them.

KEYWORDS: Garis. Collectors. Settled down. Outsiders. Stigma.

1 | INTRODUÇÃO

Há situações que vivenciamos ao longo da nossa vida que passam despercebidas e consideramos isso normal e corriqueiro. Outras ficam adormecidas e surgem como objeto de pesquisa. Digo isto, porquanto, em idos de 1990, quando tinha pouco mais de sete anos era comum ver o consumo de produtos industrializados pela sociedade e, ao final, por ainda não se ter a cultura de reciclar, ver tais recipientes, objetos do descarte do consumo, ser guardados, a exemplo dos “copos” de requeijão, azeitonas e geleias.

Tais copos posteriormente eram “doados” de forma paulatina. Na medida em que soava o barulho no portão decorrente da batida ocasionada por pessoas que, sem ambição e sem vergonha aparentes, mas sequiosas para saciar a sede, respondiam à indiferente pergunta do “quem é?” com um distante e penoso “me dê um copo d’água, por favor!”.

Após cada evento, vivenciado nos mais diversos lares, era recorrente ver a prática da dação – ou eufemisticamente, doação - dos copos pelos moradores em favor dos pedintes. Esses, em sua grande maioria, eram pessoas que corriam pelas ruas pegando sacolas postas nas calçadas e, em movimento único, jogando-as dentro de grandes carros que naquela época não identificada como “carro de lixo”. Observava, com certa frequência, a pouca sorte do saco rasgar no menor esforço de alavanca feito pelos garis e tudo que nele continha ser espalhado no chão, aumentando o tempo de ter que limpar toda aquela sujeira.

Logo se observava o esforço e a habilidade com as mãos para coletar toda aquela imundice assentada nas calçadas e fazer com que elas desaparecessem no fundo da compactadora do caminhão. O trabalho repetitivo e exaustivo realizado pelos garis para deixar as ruas das cidades prontas para nova enxurrada de lixo, assemelha-se aos esforços realizados pelos estivadores descritos por João do Rio, pseudônimo utilizado pelo criador da crônica social moderna, Paulo Barreto (2012, p. 128), quando descreve a atividade destes, dizendo:

À Beira desse cais, saveiros enormes esperavam mercadorias; e, em cima, formando um círculo ininterrupto, homens de braços nus saíam a correr de dentro da casa, ativaram o saco no saveiro, davam a volta à disparada, tornavam a sair a galope com outro saco, sem cessar, contínuos como a correia de uma grande máquina. [...]. A cara escorrendo suor. Os pobres surgiam do armazém como flechas, como flechas voltavam.

Mais tarde passamos a ter a percepção de que aquele grupo de pessoas, geralmente três ou quatro, corriam toda a extensão da rua, e de várias delas ao longo do dia. O sol escaldante da cidade que fazia o suor escorrer pelos seus corpos, era o mesmo que fazia

evaporar cada pingo do suor fazendo, em seguida, com que outros surgissem para, assim, manterem a umidade do corpo daqueles trabalhadores responsáveis pela coleta de lixo da cidade: os garis.

O mais estranho é que aquelas pessoas que geralmente se viam com alguma frequência, no mínimo uma vez por semana, em que pese tivéssemos a consciência de que passavam em média de duas a três vezes por semana, uma vez que ajudávamos a colocar os depósitos de lixo para fora de casa, mas apesar da habitualidade não se sabia o nome de qualquer deles. Todas as pessoas que via e convivia, ainda que não as conhecessem, eram reconhecidas pelo nome, mas aqueles homens corretores eram simplesmente os garis.

O fato é que permaneceram durante vários anos exercendo suas funções, e possivelmente até o mesmo grupo, e nunca me dei conta do nome de qualquer deles. Ou se sabia, agora memória acerca destes já não tenho. Assim, para todos os efeitos, eram sempre referenciados pela profissão e não pela identidade que adquiriram ao nascer: o nome.

O homem ordinário, no desempenho da sua profissão, frequentemente é lembrado pelo que exerce e não por quem é. Devo esclarecer que a concepção de homem ordinário a qual me reporto não tem a conotação pejorativa que usualmente é empregada, mas sim aquela utilizada por Michel de Certeau para caracterizar o homem das “práticas comuns”, das “maneiras de fazer”, aquele vivente da “cultura ordinária”, o “herói anônimo”, o “murmúrio da sociedade”, a quem dedicou parte de sua obra:

Este ensaio é dedicado ao homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocando, no liminar de seus relatos, o ausente que lhes dá princípio e necessidade, interrogo-me sobre o desejo cujo objetivo impossível ele representa. A este oráculo que se confunde com o rumor da história, o que é que pedimos para nos fazer crer ou autorizar-nos a dizer quando lhe dedicamos a escrita que outrora se oferecia em homenagem aos deuses ou às musas inspiradoras? (Certeau, 2014, p. 55)

Atento e inquieto diante desta realidade, tive a oportunidade, por sugestão de um professor, de assistir ao documentário *Lixo Extraordinário*, de *Vik Muniz*. No documentário é feita uma abordagem acerca dos catadores de lixo que atuavam no aterro sanitário do Jardim Gramacho, periferia de Duque de Caxias-RJ, o maior aterro sanitário aberto da América Latina então existente. É importante frisar que mesmo se tratando de trabalhadores que exercem suas profissões de sobrevivências trabalhando com materiais descartados, não podemos confundir com os garis, uma vez que este, em resumo, é o responsável pela limpeza urbana, ao instante em que aquele desenvolve seu trabalho fazendo a coleta seletiva de materiais encontrados no lixo.

Todos eles estão sujeitos às condições precárias de trabalho, o que traz prejuízos à saúde do trabalhador. Segundo estudo realizado com os garis do município do Rio de

Janeiro-RJ por Velosso, Santos e Anjos (1997) a partir do instante em que trabalham ao ar livre os garis ficam expostos às condições climáticas que causam prejuízos à saúde, sendo esta agravada ruídos produzidos nas ruas e carro do lixo, bem como, a exposição a agentes químicos e biológicos e a objetos perfurocortantes. Além destes malefícios podemos citar a perda do olfato e doenças de pele.

Entretanto, não são estes os únicos e piores males aos quais estão sujeitos os garis. Há, ainda, aqueles que afetam o íntimo de tais trabalhadores, a sua existência, a sua condição humana e, porque não dizer, a sua alma. Neste cenário é que se exterioriza a forma preconceituosa com a qual a sociedade olha, quiçá sem enxergar, tais trabalhadores como cidadão, dignos, estigmatizando-os.

O tratamento diferenciado à categoria fica patente quando recordamos que antigamente, em métodos pedagógicos não usuais, os pais e professores, como forma de incentivar os filhos e alunos a estudarem, vociferavam que “Vai estudar ou quer virar gari?”.

Ainda que de forma, possivelmente, despreziosa, a interrogação formulada como forma de incentivar o filho ou aluno ao estudo, vinha carregada de preconceito e desmerecimento, denotando, de forma clara, que o exercício de tal profissão seria um “castigo”, um estigma para os menos afortunados e uma penitência àqueles relapsos com o estudo.

Já não basta o tempo. Não quero ter essa dívida em não permitir que as pessoas enxerguem a forma como, quiçá desapercivelmente, tratam tais trabalhadores. Urge uma reflexão não só quanto a importância destes, mas também em relação a forma como os enxergamos; se é que o fazemos.

Não buscarei, com isso, exercer a hercúlea tarefa de querer fazer com que a sociedade enxergue tais trabalhadores, tornando-os visíveis diante da sua necessária “paridade participativa”, expressão utilizada por Nancy Fraser (2007) para nos alertar da necessidade de dispensarmos tratamento igualitário entre todos, mas se conseguir trazer inquietação no contexto social quanto a relevância do gari já me dou por satisfeito. Pode parecer pequena a pretensão, mas já considero um salto na miopia social.

Dito isto, devo esclarecer que no presente estudo farei uma abordagem tomando como parâmetro, não os garis da cidade de Mossoró-RN, os quais me fizeram despertar interesse na temática e aos quais reservo uma investigação maior, mas buscarei analisar a caracterização dos garis e catadores como *outsiders* e a questão da estigma social que se encontra impregnada à estes. Para tanto, tomo como referência a obra de Norbert Elias e John L. Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders*. O objeto desta reflexão é, portanto, os garis e catadores do documentário Lixo Extraordinário e de estudos etnográficos realizados em três territórios distintos, entre os garis da Universidade de São Paulo, com os garis da cidade de Governador Valadares-MG e os catadores de lixo reciclável da cidade de Campina Grande-PB.

Com isto buscarei demonstrar como atitudes corriqueiras praticadas por outros

trabalhadores e relatadas pelos próprios garis colocam estes em situação de inferioridade, quando distinção aparente alguma há entre eles. O ar de soberba no tratamento que alguns trabalhadores dispensam aos garis e catadores é o tema deste estudo.

2 | O GARI E O CATADOR: *OUTSIDERS* E O ESTIGMA SOCIAL

A estratificação das sociedades é fato inegável, o que tem levado às mais diversas particularidades para inserção do cidadão em uma ou outra categoria ou grupo, o que enseja um distanciamento entre os seres da mesma espécie. Neste particular, é válido destacar o pensamento de Edgar Morin (2002, p. 57) no sentido de que:

As sociedades são extremamente diversas. [...]. A estruturação em castas e classes determina tipos humanos particulares. Ricos e pobres, dominantes e dominados, privilegiados e proletários, têm idéias, concepções, comportamentos que os tornam estranhos uns aos outros, como se não pertencessem à mesma espécie.

Robert Castel (2013, p. 600) faz uma precisa análise quanto ao encaixe em classes da sociedade partido da sua ocupação enquanto trabalhador ao afirmar que:

O mundo do trabalho na sociedade salarial não forma, para falar em termos exatos, uma sociedade de indivíduos, mas, sobretudo, um encaixe hierárquico de coletividades constituídas na base da divisão do trabalho e reconhecidas pelo Direito.

É neste contexto de categorização de tipos humanos que proponho a presente investigação. Impõe destacar que a obra adotada como parâmetro – *Os Estabelecidos e os Outsiders* – de Norbert Elias e John L. Scotson aborda um estudo etnográfico realizado no povoado industrial próximo a “Leicester, no fim da década de 1950 e início da de 1960” (2000, p. 13) ao qual foi atribuído o nome fictício de Winston Parva, onde inicialmente os pesquisadores pretendiam analisar a questão da delinquência, mas a convivência com os moradores fez com que deixassem tal abordagem para pesquisar “o problema mais geral da relação entre diferentes zonas de uma mesma comunidade” (2000, p. 15).

No estudo citado, que segundo os autores serve como “uma espécie de paradigma empírico” (2000, p. 21) para investigações correlatas, adota-se as palavras *establishment*, *establishede* estabelecidos para designar “grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder” e que tal grupo “se autopercebe e que é reconhecido como uma ‘boa sociedade’”, ao instante em que os *outsiders* são “os não membros da ‘boa sociedade’”, mas os estabelecidos e os *outsiders* “estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência”, como destaca Federico Neiburg na apresentação da obra (2000, p. 7-8).

Isto posto, aproprio-me da ideia lançada no livro para tentar demonstrar que os trabalhadores garis e os catadores, em comparação aos demais trabalhadores, podem ser

considerados como *outsiders*, a partir do instante em que os outros se comportam como estabelecidos, com pompa de superioridade, e que tal situação acaba estigmatizando-os, apresentando a obra de Elias e Scotson (2000, p. 9) caminhos para “criticar e reformular algumas das questões que organizam a agenda da ciência social contemporânea em torno de expressões como ‘exclusão’ ou ‘violência’”.

Independente da nomenclatura que se atribua ou da função que os caracterizem, todos serão considerados como membros pertencentes a um mesmo gênero: trabalhadores. Assim, desde já, soa inconcebível a existência de qualquer discriminação entre trabalhadores pelo fato de exercer uma ou outra profissão/ocupação, porquanto todos têm um ponto em comum indissociável, qual seja, retiram do esforço próprio o valor necessário para a sua subsistência.

Neste particular, surge o primeiro ponto de toque da investigação ora proposta com a obra adotada como paradigma: não há motivos aparentes para existir uma superioridade de uma profissão em relação a outra, ou seja, não devem os trabalhadores que exercem a função de gari, ou de catadores ser tratados como pessoas inferiores em relação aos demais trabalhadores, que ora os tenho como estabelecidos, assim como não existiam razões para a inferiorização de parte da população de Winston Parva – Os *Outsiders* – por àqueles que se achavam superiores, seres supremos e absolutos nas razões – Os Estabelecidos, o que nesta situação se fincavam no fato, principalmente, de estarem naquela localidade há mais tempo.

A existência desta diferenciação causa surpresa em Elias e Scotson (2000, p.21), porquanto não se justificava a diferenciação, quando destacam que:

Mesmo examinando essa questão mais de perto, era surpreendente, a princípio, que os moradores de uma área tivessem a necessidade e a possibilidade de tratar os da outra como inferiores a eles e, até certo ponto, conseguissem fazê-los sentirem-se inferiores. Não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, “cor” ou “raça” entre os residentes das duas áreas, e eles tampouco diferiam quanto a seu tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional – em suma, quanto a sua classe social. As duas eram áreas de trabalhadores.

A inferiorização do gari e dos catadores em relação aos demais fica por demais clara no depoimento da catadora Magna, observado no documentário *Lixo Extraordinário*, de Vik Muniz, a qual ao entrar num ônibus após um dia de trabalho, questiona a outra ocupante do transporte: “Tá me olhando assim por quê? Tou fedendo, chegando em casa tomo banho e fica melhor” (MUNIZ, 2010).

Ora, no contexto narrado, o odor exalado pela catadora foi motivo de repulsa por outros ocupantes da condução, em comportamento desrespeitoso ainda mais enquanto bípedes descendentes de um ancestral comum, o macaco, que gosta, como diz Boris Cyrulnik em sua obra *O nascimento do sentido* (1995, p. 86), “de cheirar odores inconfessáveis”. Diz ele:

O olfacto, que nos aproxima do meu cão e nos classifica entre os mamíferos osmáticos, desencadeia, pelo contrário, em nós uma impressão de nojo, até mesmo de vergonha. Desde que não se saiba que <<descendemos do macaco>>, e que gostamos de cheirar odores inconfessáveis!

A ojeriza que se tem ao odor exalado pelo outro, em especial nestas situações reportadas nesta pesquisa, enquadra-se naquilo que Cynulnik (1995, p. 88) chamou de “racismo olfativo”, o qual se acentua quando a exalação é feita por um homem ordinário, dizendo ele que:

O racismo olfativo é um velho valor ocidental; já Voltaire dizia que podia reconhecer facilmente um judeu pelo mau cheiro; hoje, ainda é fácil insular alguém dizendo-lhe que cheira mal ou que não se pode suportar. Em suma, os sub-homens têm um mau odor e só os seres <<bem-cheirosos>> escapam à animalidade.

A utilização de palavras e gestos direcionados a tal classe trabalhadora, em algumas situações, vem carregada de termos que estigmatizam, cuja finalidade de menosprezo ao outro – neste caso ao gari e aos catadores – vai depender da consciência do destinatário, como destacam Elias e Scotson (2000, p. 27), porquanto,

seu poder de ferir depende da consciência que tenham o usuário e o destinatário de que a humilhação almejada por seu emprego tem o aval de um poderoso grupo estabelecido, em relação ao qual o destinatário é um grupo outsider, com menores fontes de poder.

Ainda podemos demonstrar essa áurea de superioridade dos trabalhadores estabelecidos em relação aos *outsiders* a partir do relato do catador da cidade de Campina Grande-PB, em estudo etnográfico realizado por Josilene Barbosa do Nascimento (2016, p. 16), quando destaca que “Só ocorre quando eu tô catando, porque a partir do momento que você tira a farda que você tá, bota uma roupa no corpo, já não é a mesma pessoa”.

Essa superioridade que os estabelecidos sustentam deságua em falta de atenção e até a ausência do olhar em relação aos *outsiders*, fazendo com que estes não se sintam valorizados e ausente a sua realidade humana, porquanto o ser humano tem necessidade de ser reconhecido pelo outro para que sua vida passe a ter sentido, como destaca Frantz Fanon (2008, p. 180):

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida.

Em igual sentido entende Todorov (1996, p. 89) ao mencionar que “É reconhecimento que determina mais do que qualquer outra ação, a entrada do indivíduo na existência especificamente humana”, apontando a importância do reconhecimento profissional que

traz consequências na vida pessoal, pois “Tenho necessidade de receber reconhecimento tanto no plano profissional como em minhas relações pessoais no amor e na amizade” (1996, p. 90) para então concluir que “Toda coexistência é um reconhecimento” (1996, p. 90).

De igual sorte, Nancy Fraser (2007, p. 111) aponta o reconhecimento pelo próximo como pré-condição a construção da subjetividade e, por conseguinte, ao pleno desenvolvimento humano, sustentando que:

Ser reconhecido por um outro sujeito é uma condição necessária para a formação de uma subjetividade integral e não distorcida. Negar a alguém o reconhecimento é privá-la(o) dos pré-requisitos fundamentais para o pleno desenvolvimento humano.

No estudo realizado em Winston Parva, os pesquisadores registraram (2000, p. 29) que os estabelecidos tinham como prática comum apontar os *outsiders* “como não sendo particularmente limpos” ao instante em que aqueles “orgulham-se de ser mais limpos, nos sentidos literal e figurado”. Assim, os estabelecidos tinham o sentimento difundido de que “o contato com os membros dos grupos *outsiders* contamina, observado nos grupos estabelecidos, refere-se à contaminação pela anomia e pela sujeira, misturados numa coisa só”.

Uma vez mais denota-se o contato desta obra com os trabalhadores garis e catadores, porquanto é corriqueiro notar esse, quiçá, receio que os estabelecidos têm ao manter contato com os *outsiders*, a exemplo da emblemática situação da dação do copo, após o mesmo ser utilizado pelo gari. Tal situação foi relatada pelos garis em estudo etnográfico realizado na cidade de Governador Valadares, como destaca Miranda (2017, p. 98) que:

Em outra ocasião, um dos fiscais me contou que em alguns locais onde as profissionais pedem água, as pessoas servem a água e em seguida doam a elas o copo após o uso. Segundo o fiscal, elas agem assim por nojo de pegar o recipiente de volta.

O morador que faz o gesto simbólico de doar o copo ao gari deve se achar superior, quem sabe mais humano ou mais digno que os garis e catadores. Cabe destacar, entretanto, que a dação do copo não caracteriza, neste cenário, um ato humano ou até mesmo um gesto de cordialidade ou, quiçá, gratidão, mas sim, longe destes, um ato de repulsa, enojamento, porquanto aqueles moradores não querem ou não aceitam compartilhar do mesmo copo que foi utilizado pelos, segundo àqueles, sujos garis e catadores. Assim, Elias e Scotson (2000, p. 19) reforçam a superioridade reinante entre os estabelecidos quando diz que o

grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava a virtude humana superior – o carisma grupal distintivo – que o grupo dominante atribuía a si mesmo.

Ademais, não é comum de se observar, sendo fato raro de se ver, um gari ou um catador ser cumprimentado por trabalhadores que se julgam estabelecidos, sendo mais incomum ainda constatar um aperto de mão entre estes. Tal fato possivelmente ocorre em razão da repulsa que os estabelecidos têm de sentir a mão daqueles que a utilizam para pegar em lixo, porquanto se julgam seres superiores e não podem ser “contaminados” pelo lixo que eles mesmos produzem. Ao enxergar os garis e os catadores como uma profissão menos digna e como sujeitos inferiores, os estabelecidos evitam manter contato para que não se sintam rebaixados. Norbert Elias e Scotson (2000, p. 26) constataram tal evitação social ao destacar:

Ao mesmo tempo, a evitação de qualquer contato social mais estreito com os membros do grupo outsider tem todas as características emocionais do que, num outro contexto, aprendeu-se chamar de 'medo da poluição'. Como os outsiders são tidos como anômicos, o contato íntimo com eles faz pairar sobre os membros do grupo estabelecido a ameaça de uma 'infecção anômica': esses membros poder ficar sob a suspeita de estarem rompendo as normas e tabus de seu grupo; a rigor, estariam rompendo essas normas pela simples associação com membro do grupo outsider. Assim, o contato com os outsiders ameaça o 'inserido' de ter se status rebaixado dentro do grupo estabelecido. Ele pode perder a consideração dos membros deste – talvez não mais pareça compartilhar do valor humano superior que os estabelecidos atribuem a si mesmos.

A esta altura me fez recordar o depoimento do catador Valter Santos, extraído do documentário de Vik Muniz (2010) quando afirmou que “A luta é grande, companheiro, mas a vitória é certa. Ser pobre não é ruim; ruim é ser um rico, no mais alto degrau da fama com a moral coberta de lama”. Decerto, é mais digno ter a mão suja pelo meio do qual retira o sustento, do que ter uma moral coberta de lama ao evitar ter contato com tais trabalhadores, se julgar superior e pensar que pode discriminar o próximo. Cada trabalhador é singular no exercício do seu mister, mas ao final são todos iguais, porquanto além de humanos são trabalhadores. Como diria Morin (2002, p. 59) “Cada indivíduo vive e experimenta-se como, sujeito singular; essa subjetividade singular, que diferencia cada um, é comum a todos”.

O modelo paradigmático que a obra de Elias e Scotson (2000, p. 21) representa e a possibilidade de utilizá-la para análise da questão dos garis e catadores fica ainda mais evidente quando os citados pesquisadores trazem a cotejo a situação dos, podemos assim dizer, garis japoneses ou Burakumin. Em tradução livre, Burakumin que dizer “repleto de imundície”, os quais faziam parte da casta mais baixa da hierarquia social, trabalhando nas funções tidas como impuras, dentre elas a de gari. Tais trabalhadores “comumente tidos como sujos e quase inumanos” eram tratados com ojeriza pelos estabelecidos, em que pese não existir razões justificadoras de tamanha distinção no tratamento – se é que razões há para subsidiar qualquer tratamento discriminatório – inexistindo, inclusive, qualquer diferenciação física, veja-se:

Essas pessoas têm moradias piores, são menos instruídas, têm empregos mais árduos e mal remuneradas e são mais propensas a enveredar pelo caminho do crime do que os japoneses comuns. Poucos japoneses comuns dispõem-se conscientemente a ter um convívio social com elas. Um número ainda menos deixaria que um filho ou uma filha se casasse com um membro de uma família de párias.

No entanto, o mais extraordinário é que não há nenhuma diferença física essencial entre os descendentes dos párias e os demais japoneses...

Séculos de discriminação, sendo tratados como sub-humanos e levados a crer que, em sua condição de burakumin, eles não eram suficientemente bons para fazer parte da vida dos japoneses comuns, deixaram cicatrizes na mente dos burakumin...

Ora, se à semelhança dos moradores de Winston Parva, não podemos observar qualquer distinção entre os garis e catadores com os demais trabalhadores, por que haveria de existir a distinção de tratamento? Por que os estabelecidos lançam olhar de preconceito ou de repulsa ao se deparar com aqui tratado como *outsiders*? Pondere-se que tal questionamento também foi suscitado pelos pesquisadores (2000, p. 20) quando interpelaram:

De que modo os membros de um grupo mantêm entre si a crença de que são não apenas mais poderosos, mas também seres humanos melhores do que os de outro? Que meios utilizam eles para impor crença em sua superioridade humana aos que são menos poderosos?

A ausência de reconhecimento que os estabelecidos impõem aos *outsiders* é, em verdade, a maneira que àqueles utilizam para se manter e se sentirem pessoas superiores, excluindo-os do seu convívio social, porquanto segundo Norbert Elias e Scotson (2000, p. 22),

a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar.

A estigmatização do gari e dos catadores, sem sombra de dúvida, está atrelada ao modo como e onde desempenham suas atribuições, mas deve ser levado em consideração, também, o padrão salarial destes, cuja monetarização é levada em consideração pelos estabelecidos enquanto meio de valoração da condição humana do *outsider*.

Neste cenário, podemos concluir que a estigma lançada em relação aos trabalhadores em questão não diz respeito às suas qualidades pessoais, mas sim ao fato de se encontrarem implicados e vinculados a um grupo de trabalhadores que desempenham suas funções no manuseio do lixo. Aliás, tal constatação, de que a estigmatização é grupal foi observada em Winston Parva, quando os autores assentaram que (2000, p. 23):

Na atualidade, é comum não se distinguir a estigmatização grupal e o preconceito individual e não relacioná-los entre si. Em Winston parva, como em outros lugares, viam-se membros de um grupo estigmatizando os de outro, não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo.

Os trabalhadores estabelecidos como forma de demonstrar, quiçá, pertencimento social e se apresentar como trabalhadores mais poderosos e, por conseguinte, dignos, passam a desmerecer os trabalhadores *outsiders* e a “afixar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social” (2000, p. 23-24).

Tal modo de pensar e agir, contribuindo para negação da existência e reconhecimento do próximo, acaba estigmatizando uma classe de trabalhadores tão digna quanto qualquer outra, ensejando um imerecido separatismo e enclausuramento, quando a bem da verdade e do bom convívio, deveriam coexistir com paridade de participação, como destaca Nancy Fraser (2007, p. 109) “ao enfatizar a igualdade de *status* no sentido da paridade de participação, ele valoriza a interação entre os grupos, em oposição ao separatismo e ao enclausuramento”.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado pelo homem, ainda que não possua um fim em si mesmo, é uma das formas utilizadas para se sentir pertencido ao meio do qual faz parte. Entretanto, não necessariamente, todos que exercem um ofício de forma digna tem o devido reconhecimento social.

Há trabalhadores que se assenhorando de um reconhecimento que impõe, julgam-se superiores aos demais, como se sua condição humana fosse além dos demais, sendo mais dignos e mais humanos. A partir desta avocação superlativa da condição humana, tais trabalhadores tidos como estabelecidos passam a inferiorizar, desmerecer e ter como indignos aqueles que julgam não ser tão iguais quanto os seres superiores, os quais aqui reportamos como *outsiders*.

Em que pese essa segregação realizada pelos estabelecidos, não se observa qualquer motivo justificador para tanto – se é que razão possa existir para infirmar a dignidade de outrem – porquanto, quer os estabelecidos, quer os *outsiders* são membros de uma mesma classe, trabalhadores, e através da disposição da sua mão de obra salvaguardam o sustento próprio através da percepção do salário. Assim, a diferença que há entre eles reside no fato de que os *outsiders* para cumprir o seu mister são compelidos a manusear e ter contato com o lixo, cujo descartes, inclusive, também é produzido pelos estabelecidos.

A partir dos relatos extraídos dos trabalhadores analisados neste artigo podemos observar algumas formas de exteriorização do estigma social que recai sobre os

trabalhadores que exercem suas atribuições dedicados à limpeza pública, com manuseio diário do lixo. O enojamento que se tem aos *outsiders* fica patente quando tal trabalhador adentra no ônibus após um dia de trabalho e tem sobre si lançado olhares de desdém e nojo, ou quando entram em lojas trajando o seu uniforme, sendo identificados quer pela roupa, quer pelo cheiro produzido após um dia de trabalho, e são tratados de forma preconceituosa.

Ainda fica mais claro o tratamento que os estabelecidos dispensam aos *outsiders* quando se negam a compartilhar do mesmo copo que julgam estar contaminado pela imundice, impureza e inferioridade dos garis.

Não obstante estas condutas rotineiras que vem sendo praticadas em desfavor dos garis e catadores, em algumas situações até de forma, quiçá, imperceptível, porquanto ainda devemos crer que há algo de humano dentro destes seres (“estabelecidos”), devemos sempre reforçar a necessidade óbvia de dispensar tratamento digno a qualquer pessoa, ainda mais quando diferença alguma há que justifique tratamento diverso.

Em que pese a estigma social ter sido perceptível em todos os territórios analisados neste artigo, é imprescindível a constante análise de tal situação, não só para entender e constatar as formas que ocorrem, como também, e talvez seja esta de maior relevância, para apresentar para sociedade comportamentos que ela vem se utilizando, às vezes até de forma desinteressada, para desmerecer, inferiorizar e estigmatizar o próximo, neste caso, os garis e catadores.

REFERÊNCIAS

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CYRULNIK, Bóris. **O nascimento do sentido**. Instituto Piaget. 1995.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/Norbert Elias e Joha L. Scotson; tradução, Vera Ribeiro; tradução do pós-fácio à edição alemã, Pedro Sússekind; apresentação e revisão técnica, Frederico Neiburg – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRASER, Nancy. **Reconhecimento sem ética?** Lua Nova, 70. 101-138, 2007.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Tradução Juremir Machado da Silva. 5. ed. – Porto Alegre: Sulina, 2012.

NASCIMENTO, Josilene Barbosa do. **Burros sem rabo**: invisibilidade e consumo. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2016.

Lixo Extraordinário. Vik Muniz. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-IG67j1Lkg> Acesso em: 01 out 2018.

MIRANDA, Camila de Almeida. **Mulheres gari**: relatos da invisibilidade pública e violência simbólica. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2017.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Goiânia: Grupo Educart, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum**: Ensaio de antropologia geral; tradução Denise Bottmann e Eleonora Bottmann. Campinas, SP. Papirus, 1996.

VELLOSO, M. P.; SANTOS, E. M.; ANJOS, L. A. **Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Brasil**. Centro de Saúde Germano Sinval Faria, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. Rua Leopoldo Bulhões 1480, Rio de Janeiro, RJ 21041-210, Brasil. Disponível em <https://www.scielo.org/article/csp/1997.v13n4/693-700/>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 2, 43, 128, 134

Africanidades 38, 42, 43, 44, 46, 48

Alteridade 16, 54, 113

América Latina 3, 4, 14, 81, 84, 163, 169, 180, 181, 185, 187, 188, 190, 238

Antropologia 128, 130, 135, 138, 179, 195, 207, 235, 236

Arquétipos 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 134

Artes 60, 101, 114, 116, 117, 120, 125, 127, 178

C

Comunicação 57, 58, 63, 64, 69, 70, 126, 138, 142, 148, 150, 154, 156, 159, 161, 166, 181, 186, 190, 192, 194, 195, 207, 245, 260

D

Democracia 29, 37, 41, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 75, 79, 185, 224, 227, 254, 256

Dialética 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 54, 57, 113, 161

Direitos das Mulheres 73, 77, 79, 81

Direitos Humanos 16, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 52, 53, 54, 74, 78, 183, 191, 193

Discurso 4, 50, 56, 62, 63, 64, 72, 87, 92, 113, 127, 133, 147, 150, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 206, 207, 217, 224, 227, 254

Diversidade 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 41, 42, 47, 55, 58, 63, 65, 68, 71, 79, 109, 150, 158, 163, 164, 198, 211, 239, 243

E

Educação 5, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 61, 62, 63, 71, 72, 73, 75, 76, 83, 85, 91, 106, 122, 199, 202, 204, 220, 224, 236, 246

Emancipação Feminina 73

Ensino 15, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 38, 39, 41, 43, 48, 50, 56, 59, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 71, 90, 102, 104, 114, 125, 199, 208, 210, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Escola 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 58, 62, 68, 71, 78, 90, 112, 147, 149, 179, 209, 210, 220, 221, 222, 223, 224

Estigma 116, 132, 134, 135, 138, 167, 170, 171, 176, 177, 178

Ética 11, 16, 19, 23, 24, 59, 83, 84, 103, 149, 178

Etnografia 38, 43, 48, 130, 135, 136

Eugenia 140, 146, 150

F

Formação Continuada 62, 63, 64, 65, 71

Fronteiras 56, 57, 72, 194, 200, 201

G

Geografia 147, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242, 243

H

História 1, 2, 7, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 34, 38, 40, 41, 42, 47, 54, 58, 61, 78, 80, 84, 89, 99, 114, 120, 122, 125, 134, 140, 141, 150, 161, 169, 185, 186, 187, 196, 197, 200, 202, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 235, 236, 240, 241, 248, 249, 256, 257, 258, 259

Homossexualidade 128, 131, 132, 133, 134, 138

I

Idosos 204

Inconsciente Coletivo 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126

Integração Social 55

J

Jornalismo 140, 195

Juventudes 49, 50, 54, 55, 60, 61

L

Ludicidade 38, 41, 42, 43, 46, 48

Lugares de resistência 38

M

Masculinidades 137

Movimento Migratório 180

Movimentos Feministas 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 83

N

Negritude 115, 128, 130, 131, 134, 149, 246

O

Outsiders 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

P

Patriarcado 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84

Pedagogia do teatro 114

Periódicos 126, 140, 141, 143, 145, 148

Plantas Medicinais 85, 86, 89, 90, 96, 97, 98, 99

Pobreza 3, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 34, 36, 37, 180, 189, 192

Propriedade da terra 226, 228

Q

Quilombo 142, 143, 234, 236, 237, 238, 239, 242

R

Racismo 32, 39, 40, 41, 47, 48, 53, 64, 104, 130, 131, 132, 133, 137, 140, 147, 148, 173, 246, 248, 257

Refugiados 180, 182, 183, 184, 185, 192, 193

S

Saúde 4, 5, 28, 31, 73, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 116, 150, 160, 163, 169, 170, 179, 180, 181, 190, 191, 204, 205, 206

Serviço Social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Situação de rua 16, 17, 21, 22, 23, 24

T

Temas transversais 28, 208, 221, 222, 223

Teoria Marxiana 1

Território 22, 53, 104, 123, 146, 183, 184, 191, 200, 201, 202, 223, 225, 229, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 248, 252, 254, 255

V

Violação 16, 17, 21, 23, 26, 148, 183

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 